

DESTAQUES
DO PORTAL
A TARDE

Mulher de 100
anos se elege na
Alemanha
www.atarde.com.br/cultura

Estação da Lapa
realiza simulação
de incêndio hoje
www.atarde.com.br/salvador

www.atarde.com.br
71 3340-8991
(Cidadão Repórter)
71 99601-0020
(WhatsApp)

EDITORIAL *A céu aberto*

É preciso coragem de admitir como a falta de saneamento básico aponta para a nossa condição de país em desenvolvimento. Pobre, apesar de tantas potencialidades. São muitos e nefastos os impactos na saúde e na economia que a falta de saneamento traz.

A despeito de um modelo privatista ou estatal – ambos com casos bem-sucedidos ao redor do mundo –, o problema precisa ser enfrentado o quanto antes. A Medida Provisória 868 está no cerne da questão.

A MP muda o marco regulatório de saneamento básico no Brasil e foi editada

ainda no governo Temer, mas caduca amanhã, caso não seja apreciada pelo Congresso Nacional.

Entre outras mudanças, o texto proíbe que prefeituras contratem empresas pú-

A MP 868 muda o marco regulatório do saneamento no Brasil e foi editada ainda no governo Temer, mas caduca amanhã

blicas estaduais sem licitação. Se aprovado, aumentaria as oportunidades de negócios privados dos serviços de saneamento, que hoje são 6% nas cidades.

A Pátria Amada tem 57 milhões de casas sem rede de esgoto. Outros 24 milhões não têm água encanada e 15 milhões estão desassistidos nas coletas de lixo, coincidindo em áreas de moradias dos bissetes dos escravizados libertos em 1888.

Um número avissareiro aponta para o abastecimento de água: não é à toa que a privatização está na pauta. São 85% de casas atendidas, uma rede pronta para

virar bom negócio. O problema é a diferença entre cidades, com 93%, e zona rural, parcos 34%.

As diferenças entre Brasis, cujo remédio seria a reparação dos desprotegidos, fica mais evidente na coleta de lixo: o Maranhão tem 68% de acesso à coleta, ao passo que Rio de Janeiro e São Paulo chegam a quase 100%.

Um planejamento mínimo poderia beneficiar especialmente as populações de áreas carentes, contudo não se pode garantir que o objetivo da reparação esteja no topo da hierarquia dos valores dos atuais gestores.

TÚLIO CARAPIÁ



A futura Fundação Aleixo Belov

Lourenço Mueller

Arquiteto e urbanista
muellerco@aigmail.com

Foi em função de um sonho que o jovem Aleixo se meteu numa dessas aventuras mais inacreditáveis que os homens podem realizar ao longo de suas vidas. Sonhou em fazer uma volta ao mundo de barco. Até agora já fez cinco: as três primeiras sozinho no pequeno veleiro "3 Marias" (Maria, Mariana e Marucia) e mais duas no veleiro "Fraternidade", com tripulantes que amam o mar mas não o dominam como o comandante Belov, que os ensina a navegar.

As viagens geraram livros. Ele contou tão bem essa história ao promotor que o processo de sua fundação está praticamente aprovado no Ministério Público. No seu 'despacho' o homem da lei destacou aquele sonho: "Observe-se que este... é o momento de o instituidor [Aleixo Belov] sonhar (embora com os pés no chão) e estabelecer os serviços que gostaria de prestar à sociedade, transformando os objetivos legais escolhidos em atividades...".

De fato, o instituidor, este homem que sonha com o mar desde a adolescência, na idade em que está sonhando com a educação, aquela que promove as chamadas 'economias criativas', que gera emprego e renda sem poluir, promove cultura incluindo pessoas sem oportunidades e educa a partir da própria experiência de vida, de imigrante ucraniano a dono de uma das maiores empresas brasileiras de obras náuticas e construção naval. É inevitável esse entendimento de movimento dialético do homem 'sonhador' ao líder empreendedor para compreender todo um processo existencial e a intenção ampla em benefício da sociedade, permitindo que o seu ego nomeie, justamente, essa nova e grandiosa experiência.

Quando se fala em cultura, educação e desenvolvimento sustentável, subentende-se a formação de uma equipe de pessoas que amam o mar e queiram se envolver na discussão de conteúdos para, através da produção de planejamento, garantir a preservação do patrimônio ambiental da Baía e seu fulcro urbano, o Centro Histórico de Salvador, promovendo dois movimentos:

1º - Seminários e oficinas ("workshops") com a participação de grandes navegadores e cientistas do mar – incluem-se aí autores reunidos em publicações do Estado e da Ufba, estes organizados pelo professor Jailson B. de Andrade et alii. Os estudos versam sobre arqueologia, geo-história, urbanização, socioeconomia, sustentabilidade, ecologia, arte e artesanato, arte culinária, manifestações culturais e literatura. A organização desses eventos deverá fornecer síntese da problemática discutida em cada subárea, transformada num diagnóstico da BTS e finalmente, no seu Plano Diretor.

2º - Convênios nas três esferas de governo e adoção de consultoria para realizar estudos no território litorâneo e marítimo da BTS, denominada Capital da Amazônia Azul pela Marinha do Brasil. Esse espaço mágico já conta com uma "networking" mobilizada para empreendedorismo e criação de 'startups', o Grupo Kirimure, que originalmente, a partir da figura do próprio comandante, senhor dos oceanos, inspirou a ideia de criação de uma fundação e um museu.

Luz no fim do túnel

Yvette Amaral

Professora universitária
yvettemosamaral@gmail.com

Falar-se da crise brasileira já é lugar-comum. Vozes de diversos segmentos sociais são unânimes ao proclamar que o Brasil está à mercê de um violento maremoto, sem piloto capaz de superar a fúria das ondas. Mesmo os otimistas têm dificuldade em manter viva sua esperança diante das sombras escuras da realidade nacional. Mas, como é nas noites negras que as estrelas mais brilham, animamo-nos ao perceber o menor sinal luminoso no fim do túnel.

Vem a dúvida: é realista essa constatação? Ainda é possível o mundo melhorar? Em que basear a esperança de um tempo feliz para todos que habitam a Terra? Acreditamos na procedência dessas indagações, apesar dos erros contemporâneos e da tentativa de derrubada de valores insubstituíveis.

Em todos os tempos e lugares houve saídas para as crises da humanidade. Num passado remoto, encontramos o Império Romano no "fundo do poço", todavia suas cinzas, juntamente com a de outros povos, geraram a civilização ocidental. Esta sem dúvida teve seus desastres mas deu continuidade à história, permanente dialética entre o bem e o mal destinada à perene síntese do amor. É urgente o retorno do discurso que destaca a importância da união para combater os problemas históricos e sociais. Uma autêntica consciência democrática valoriza as diferenças ideológicas, políticas e individuais, quando unidas para resgatar a verdadeira cidadania.

As manifestações públicas e os protestos quando realizados com a intenção do bem de todos são sinais positivos da uma comunidade que amadurece e se habilita para construir o bem comum que não favorece somente as minorias, mas beneficia o povo na sua totalidade. Não negamos as radicalizações que ocorrem nas manifestações públicas, inclusive com fa-

tos que prejudicam a coletividade. Quantos danos decorrem de uma queima de ônibus! Quantas vidas se sacrificam num confronto violento entre ideologias e diversas bandeiras políticas! Tais possibilidades, todavia, não devem frear a iniciativa dos que se empenham na promoção dos irmãos.

No relato do evangelista São Lucas sobre a Paixão de Cristo (23,12), há referência à reconciliação entre dois inimigos: Pilatos e Herodes, diante do objetivo de condenar Jesus. Para o mundo atual chegou a hora de aparar as arestas que dificultam o advento da paz. Não estamos disputando a copa do mundo, nem um concurso de beleza, porém o destino do planeta. Sem sacrificar os valores básicos da nossa individualidade, por que não nos associarmos aos que desejam construir numa sociedade fraterna e humana? No momento o que importa é espalhar sementes de justiça e fraternidade. Nasçamos para participar, aplaudindo os sinais de união, dando um 'não' à imaturidade das radicalizações.